

FICHA TÉCNICA

Título original: *A Spool of Blue Thread*

Autora: *Anne Tyler*

Copyright © 2015 by Anne Tyler

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Marta Mendonça*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Fotografia e design da capa © Kelly Blair

Composição: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 418 081/16

1.ª edição, Lisboa, janeiro, 2017

Reservados todos os direitos para
a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

CAPÍTULO UM

Num final de noite em julho de 1994, Red e Abby Whitshank receberam um telefonema do filho Denny. Na altura estavam a preparar-se para se deitarem. Abby estava junto à cómoda, de camisa de noite a tirar os ganchos, um a um, do seu ligeiramente despen-teado puxo cor de areia. Red, um homem moreno e magro de calças de pijama às riscas e uma *T-shirt* branca, tinha acabado de se sentar na beira da cama para descalçar as meias; por isso, quando o telefone tocou na mesa de cabeceira ao seu lado, foi ele quem atendeu.

— Casa dos Whitshank — disse.

E depois:

— Ora então, olá.

Abby desviou o olhar do espelho, com as mãos ainda na cabeça.

— O quê — disse ele, sem ponto de interrogação. — Hum? — disse. — Oh, mas que diabo, Denny!

Abby baixou os braços.

— Estou? — disse ele. — Estou? Estou?

Ficou em silêncio por uns instantes e depois pousou o auscultador.

— O que foi? — perguntou-lhe Abby.

— Diz que é homossexual.

— *O quê?!*

— Diz que precisava de me dizer uma coisa: é homossexual.

— E tu desligaste-lhe o telefone!

— Não, Abby. Ele é que me desligou o telefone a mim. A única coisa que eu disse foi: «Mas que diabo...», e ele desligou-me o telefone. Clique! Sem mais nem menos.

— Oh, Red, como é que foste capaz? — queixou-se Abby. Virou-se para pegar no roupão de banho em chenilha desbotada que em tempos tinha sido cor-de-rosa. Vestiu-o e apertou o cinto com força. — O que é que te deu para dizeres uma coisa dessas? — perguntou-lhe.

— Não quis dizer nada com isso! Dizem-te uma coisa assim do nada e é claro que a tua resposta vai ser «Mas que diabo...», não é?

Abby pegou na mecha de cabelo que lhe pendia sobre a testa.

— O que eu quis dizer — justificou-se Red — foi: «Mas que diabo, Denny, o que é que vais inventar a seguir para nos preocupar?» E ele sabe que foi isso que quis dizer. Acredita que sim. Mas agora já pode dizer que a culpa é toda minha, que sou tacanho ou bota de elástico ou seja lá o que for que ele me queira chamar. Ele *gostou* que eu lhe tivesse respondido aquilo. Percebi-o pela rapidez com que me desligou o telefone; estava só à espera de que eu dissesse a coisa errada.

— Certo — retorquiu Abby, assumindo uma atitude mais prática. — De onde é que ele estava a ligar?

— Como é que hei de saber de onde é que estava a ligar? Não tem uma morada fixa, não nos disse nada o verão inteiro, já mudou de emprego duas vezes, tanto quanto sabemos, e o mais certo é terem existido mais vezes das quais nem sequer temos conhecimento... Um rapaz com dezanove anos e não fazemos a mínima ideia em que sítio do planeta é que se encontra! Há ali qualquer coisa que não está bem...

— Pareceu-te estar a ligar de longe? Ouvia-se aquele som meio soprado? Pensa lá. Achas que podia estar aqui em Baltimore?

— Não faço ideia, Abby.

Ela sentou-se ao lado dele. O colchão inclinou-se na sua direção; era uma mulher corpulenta e robusta.

— Temos de o encontrar — disse. Depois: — Devíamos ter aquela coisa... a identificação de chamadas. — Inclinou-se para a frente e fitou o telefone com uma expressão zangada. — Oh, meu Deus, quero identificação de chamadas *neste instante!*

— Para quê? Para lhe devolveres a chamada e ele deixar o telefone tocar?

— Ele não faria isso. Saberá que era eu. E atenderia se soubesse que era eu.

Levantou-se da cama de um salto e começou a andar de um lado para o outro em cima do tapete persa que já estava quase branco de tão gasto no meio, depois de tantos anos de uso. O quarto era bonito, amplo e bem desenhado, mas tinha o aspeto confortavelmente desgastado de um espaço cujos ocupantes há muito que tinham deixado de olhar para ele.

— Como é que te pareceu a voz dele? — perguntou ela. — Estava nervoso? Estava perturbado?

— Estava bem.

— Dizes *tu*. Achas que tinha estado a beber?

— Não deu para perceber.

— Havia outras pessoas com ele?

— Não deu para perceber, Abby.

— Ou, se calhar... só uma pessoa?

Ele lançou-lhe um olhar severo.

— Achas que estava a falar a sério? — perguntou-lhe.

— É claro que estava a falar a sério! Porquê dizê-lo se não estivesse?

— O rapaz não é homossexual, Abby.

— Como é que sabes?

— Porque sei. Acredita no que te digo. Vais acabar por te sentir ridícula, estilo: «Caramba, dramatizei mesmo aquela situação.»

— Bem, isso é o que tu preferes acreditar.

— A tua intuição feminina não te diz nada? Estamos a falar de um rapaz que engravidou uma rapariga quando ainda andava no secundário!

— E depois? Isso não quer dizer nada. Pode muito bem ter sido um indício.

— Desculpa?

— Nunca podemos ter certezas absolutas sobre a vida sexual de ninguém.

— Pois não, graças a Deus — respondeu Red.

Baixou-se, com um queixume, e procurou os chinelos debaixo da cama. Abby, entretanto, tinha parado de andar de um lado para o outro e estava novamente a fitar o telefone. Pousou a mão em cima do auscultador. Hesitou. Então pegou no auscultador, levou-o ao ouvido durante cerca de meio segundo e tornou a pousá-lo.

— O problema com o identificador de chamadas — disse Red, como se falasse para os seus botões — é que parece que estamos a fazer batota. A pessoa devia estar disposta a arriscar quando atende o telefone. É mais ou menos essa a ideia generalizada no que diz respeito aos telefones, acho eu.

Pôs-se de pé e caminhou na direção da casa de banho. Atrás dele, Abby disse:

— Isto explicaria muita coisa! Não te parece? Se ele for realmente homossexual.

Red já estava a fechar a porta da casa de banho, mas pôs a cabeça de fora para lhe lançar um olhar furioso. As suas sobranceiras pretas e finas, por norma direitas como réguas, estavam praticamente unidas.

— Às vezes — disse ele — arrependo-me profundamente do dia em que casei com uma assistente social.

Em seguida, fechou a porta com firmeza.

Quando regressou, Abby encontrava-se sentada muito direita em cima da cama, com os braços cruzados sobre o peito rendado da sua camisa de noite.

— Nem penses em tentar atribuir a culpa dos problemas do Denny à minha profissão — disse-lhe ela.

— Só estou a dizer que às vezes a pessoa pode ser demasiado compreensiva — retorquiu ele. — Demasiado tolerante e compassiva. Entrar no cérebro privado de um miúdo.

— É impossível ser-se «demasiado compreensivo».

— Bem, só uma assistente social pode pensar tal coisa.

Ela exalou num gesto de exaspero e depois tornou a olhar de relance para o telefone. Este estava do lado de Red, não do dela. Red levantou as mantas e enfiou-se dentro da cama, bloqueando-lhe a visão. Estendeu o braço e apagou o candeeiro da mesa de cabeceira. O quarto mergulhou na escuridão, somente um brilho ténue proveniente das janelas altas com vista para o relvado do jardim da frente.

Red estava deitado de costas agora, mas Abby continuava sentada. Disse:

— Achas que vai voltar a ligar?

— Oh, sim. Mais cedo ou mais tarde.

— Foi preciso muita coragem para nos ligar da primeira vez — disse ela. — Se calhar toda a coragem que tinha.

— Coragem! Mas qual coragem? Somos os pais dele! Porque é que haveria de precisar de coragem para ligar aos próprios pais?

— Por tua causa — respondeu-lhe Abby.

— Que disparate. Nunca lhe levantei a mão.

— Não, mas condenas tudo o que faz. Estás sempre a encontrar-lhe falhas. Com as miúdas és todo mole e o Stem é parecido contigo. Agora o Denny!... As coisas são mais complicadas com o Denny. Às vezes penso que não gostas dele.

— Por amor de Deus, Abby. Sabes bem que não é verdade.

— Oh, eu sei que o amas. Mas já vi a maneira como olhas para ele, estilo «Quem é esta pessoa?», e não penses que ele também não viu.

— Se é esse o caso — replicou Red —, então porque é que ele anda sempre a tentar fugir de *ti*?

— Ele não anda a tentar fugir de mim!

— Desde os cinco ou seis anos que não te deixava entrar no quarto dele. O miúdo preferia mudar os lençóis sozinho em vez de te deixar entrar para o fazeres por ele! Raramente trazia os amigos cá a casa, não nos dizia como é que se chamavam, nem sequer te contava o que fazia na escola o dia inteiro. «Não te metas na minha vida, mãe», dizia ele. «Não te intrometas, não sejas cusca, dá-me espaço.» O livro ilustrado de que ele menos gostava, aquele que odiava tanto que rasgou as páginas todas, lembra-te?, tinha aquele coelho bebé que queria transformar-se em peixe e depois em nuvem, tudo isso só para poder escapar, e tinha aquela mãe coelho que dizia que ia transformar-se também para ir atrás dele. O Denny rasgou todas as páginas!

— Isso não tinha nada que ver com...

— E admiras-te que se tenha tornado homossexual? Não que ele se tenha efetivamente tornado homossexual, mas se tivesse,

se isso lhe tivesse passado pela cabeça só para nos chatear, queres saber porquê? Eu digo-te porquê: a culpa é da mãe. A culpa é sempre da mãe galinha.

— Oh! — exclamou Abby. — Isso é um conceito tão ultrapassado, ignorante e... *errado*. Nem sequer o vou dignificar com uma resposta.

— Já estás a empregar bastantes palavras para me dizeres isso.

— Então e o pai, já que queres ir buscar essas tuas teorias da Idade Média? E o pai do género machão e trabalhador das obras que diz ao filho para fazer cara alegre, para mostrar alguma garra, para deixar de se lamuriar com coisinhas de nada, para subir ao raio do telhado e colocar as telhas à martelada?

— As telhas não se colocam à *martelada*, Abby.

— Então e esse pai?

— Pronto, está bem! Eu fiz isso. Fui o pior pai do mundo. Está feito.

Seguiu-se um momento de silêncio. O único som que se ouviu veio da rua; o sussurro de um carro a passar.

— Eu não disse que foste o *pior* — disse Abby.

— Certo — retorquiu Red.

Mais um minuto de silêncio.

Abby perguntou:

— Não há um número que se marca para ligar diretamente para a última pessoa que nos telefonou?

— Asterisco sessenta e nove — respondeu Red, de imediato. Aclarou a garganta. — Mas tu não vais fazer isso.

— Porque não?

— O Denny é que escolheu terminar a conversa, caso seja preciso recordar-te.

— Ficou magoado, foi por isso — replicou Abby.

— Se tivesse ficado magoado, teria demorado algum tempo a desligar. Não me teria calado assim tão de repente. Ele desligou como se estivesse à *espera* para desligar. Oh, estava praticamente a esfregar as mãozinhas quando me deu a notícia! Foi logo direto ao assunto. «Gostava de te dizer uma coisa», disse ele.

— Há pouco disseste que tinha sido «Preciso de te dizer uma coisa».

— Bem, ou uma ou outra — respondeu Red.

— Qual foi?

— Isso importa?

— Importa, sim.

Ele pensou por uns instantes. Depois ensaiou as frases em voz baixa.

— «Preciso de te dizer uma coisa» — experimentou. — «Gostava de te dizer uma coisa.» «Pai, gostava de...» — A sua voz perdeu-se. — Sinceramente não me recordo — disse.

— Podes marcar asterisco sessenta e nove, por favor?

— Não percebo qual é a ideia dele. Sabe que não sou contra os homossexuais. Pus um homossexual como responsável pelas nossas placas de gesso, caramba. E o Denny *sabe* isso. Não percebo porque é que ele pensou que isso me fosse afetar. Quer dizer, é claro que não vou ficar encantado com a ideia. Queremos sempre que os nossos filhos tenham uma vida sem grandes complicações. Mas...

— Passa-me o telefone — pediu-lhe Abby.

O telefone tocou.

Red pegou no auscultador no mesmo instante em que Abby se lançava por cima dele e o agarrava também. Ele agarrou-o primeiro, mas seguiu-se uma pequena disputa e, de alguma maneira, ela acabou por ficar com ele. Sentou-se muito direita e disse:

— Denny?

Em seguida, respondeu:

— Ah. Jeannie.

Red tornou a deitar-se para trás.

— Não, não, ainda não estamos deitados — disse ela. Seguiu-se uma pausa. — Claro que sim. Vemo-nos amanhã às oito. Adeus.

Estendeu o auscultador a Red, que o agarrou e depois esticou o braço para o pousar no sítio.

— Quer que lhe empreste o meu carro — explicou ela. Deitou-se para trás no seu lado da cama.

Em seguida, disse, numa voz que soou débil e deprimida:

— Agora já não dá para marcar asterisco sessenta e nove, pois não?

— Não — retorquiu Red. — Parece que não.

— Oh, Red. Oh, o que vamos fazer? Nunca, mas nunca mais vamos ter notícias dele! Não nos vai dar mais nenhuma oportunidade!

— Então, querida — disse-lhe ele. — Havemos de ter notícias dele. Prometo. — Estendeu os braços e puxou-a para ele, pousando a cabeça dela no seu ombro.

Ficaram deitados nessa posição durante algum tempo, até que, aos poucos, Abby parou de se mexer e a sua respiração tornou-se mais lenta e regular. Red, porém, continuava a fitar a escuridão. A dada altura, proferiu umas palavras para si mesmo, a título experimental.

— «... preciso de te dizer uma coisa» — murmurou, quase num sussurro. Depois: — «... gostava de te dizer uma coisa.» — Depois: — «Pai, gostava de...» «Pai, preciso de...» — Mexeu a cabeça na almofada, num gesto impaciente. Em seguida, recomeçou: — «... dizer-te uma coisa: sou homossexual.» «... dizer-te uma coisa: *acho* que sou homossexual.» «Sou homossexual.» «Acho que sou homossexual.» «Acho que talvez seja homossexual.» «Sou homossexual.»

Mas entretanto calou-se e por fim adormeceu também.

Bem, é claro que voltaram a ter notícias dele. Os Whitshank não eram uma família *melodramática*. Nem o Denny era do género de desaparecer da face da Terra, de cortar com qualquer contacto ou de deixar de falar; pelo menos não de forma permanente. Era um facto que não tinha aparecido nesse verão para as habituais férias na praia, mas talvez tivesse faltado de qualquer maneira; precisava de ganhar algum dinheiro para o ano escolar seguinte. (Andava na Universidade de St. Eskil, em Pronghorn, no estado do Minnesota.) E, de facto, telefonou-lhe em setembro. Precisava de dinheiro para os manuais, explicou ele. Infelizmente, Red era o único em casa na altura, pelo que a conversa não foi muito reveladora.

— Falaram sobre o quê? — quis saber Abby e Red respondeu-lhe:

— Disse-lhe que teria de pagar os manuais do seu próprio bolso.

— Mas falaste-lhe sobre a última vez que ele ligou? Pediste-lhe desculpa? Explicaste-te? Ele perguntou-te mais alguma coisa?

— Não chegámos a falar sobre nada disso.

— Red! — exclamou Abby. — É o costume! A reação típica: um rapaz anuncia que é homossexual e a família continua a comportar-se como se não fosse nada, fingindo não o ter ouvido.

— Pronto, está bem — respondeu Red. — Liga-lhe. Telefona para o dormitório dele.

Abby parecia algo indecisa.

— E que motivo é que dou para lhe estar a ligar? — perguntou ela.

— Diz que o queres interrogar.

— Vou antes esperar que ele torne a ligar — decidiu ela.

Mas quando ele voltou a ligar (o que aconteceu cerca de um mês depois, quando Abby estava presente para atender) foi para falar sobre as suas reservas de avião para as férias do Natal. Queria mudar a data de chegada porque primeiro iria a Hibbing para visitar a namorada. A namorada!

— O que é que eu havia de responder? — disse Abby a Red, mais tarde. — Tive de lhe dizer: «Pronto, está bem.»

— O que é que havias de dizer, realmente — concordou Red.

Ele não tornou a falar no assunto, mas Abby andou num estado de nervosismo durante as semanas que antecederam o Natal. Percebia-se que estava ansiosa para esclarecer as coisas. O resto da família andava a pisar ovos à volta dela. Não tinham conhecimento da questão sobre a homossexualidade (Red e Abby tinham concordado nesse facto, não contar a ninguém sem a autorização de Denny), mas sabiam que se passava alguma coisa.

Era intenção de Abby (embora não de Red) sentar Denny e ter uma conversa franca com ele assim que chegasse a casa. Mas na manhã do dia em que o avião dele ia chegar, receberam uma carta de St. Eskil a recordá-los dos termos do contrato: os Whitshank seriam responsáveis pelas propinas do próximo semestre não obstante o facto de Denny ter desistido.

— Desistido — repetiu Abby. Fora ela quem abrira a carta, embora os dois a estivessem a ler. A forma vagarosa e ponderada como falou realçou todas as implicações dessa palavra. Denny tinha desistido; era um desistente; desistira da família há muitos anos. Que outro adolescente norte-americano de classe média vivia como ele vivia; a viajar pelo país como se fosse um vagabundo, completamente longe do controlo dos pais, contactando-os de forma esporádica e evitando, sempre que possível, permitir-lhes que

entrassem em contacto com ele? Como é que as coisas tinham chegado a esse estado? De modo algum tinham permitido aos restantes filhos comportarem-se dessa maneira. Red e Abby entreolharam-se durante um longo e exasperante momento.

Compreensivelmente, portanto, o tema que dominou o Natal nesse ano foi o facto de Denny ter desistido da universidade. (Tinha chegado à conclusão de que a educação era um desperdício de dinheiro, fora tudo o que lhes dissera, uma vez que não fazia a mínima ideia do que queria fazer na vida. Talvez daí a um ou dois anos, dissera ele.) A sua homossexualidade, ou não homossexualidade, parecera ter ficado perdida na confusão.

— Quase que percebo porque é que certas famílias fingem que não lhes foi dito nada — disse Abby, logo a seguir ao período natalício.

— Hum-hum — respondeu-lhe Red, com uma expressão indecifrável.

Dos quatro filhos de Red e Abby, Denny fora sempre o mais bonito. (Era uma pena que parte dessa beleza não tivesse sido herdada pelas raparigas.) Tinha o cabelo preto e liso, os olhos azuis penetrantes e as feições típicas dos Whitshank, mas o tom de pele era ligeiramente mais escuro do que a pele branca dos outros e o corpo parecia mais bem estruturado, não era tanto um saco de protuberâncias e ossos. Contudo, havia algo no rosto dele (um certo desequilíbrio, uma irregularidade ou assimetria) que o impedia de ser verdadeiramente belo. As pessoas que comentavam o aspeto físico dele faziam-no posteriormente, em tom de surpresa, como se se felicitassem a si próprias pela capacidade de discernimento.

Por ordem de nascimento, ele fora o terceiro. Amanda tinha nove anos quando ele nascera e Jeannie tinha cinco. Teria sido complicado para um rapaz ter irmãs mais velhas? Intimidante? Humilhante? Ambas eram muito assertivas; em especial Amanda, que tinha uma veia autoritária. Mas ele menosprezava Amanda, em certa medida, e era ligeiramente afetuoso para com Jeannie, a pequena maria-rapaz. Como tal, não havia propriamente motivo

para alarme. Agora em relação a Stem...! Stem apareceu quando Denny tinha quatro anos. Isso sim, pode ter sido um fator. Stem era bom por natureza. Às vezes veem-se crianças assim. Era obediente, amoroso e generoso; e nem sequer precisava de fazer um esforço.

O que não significava que Denny fosse mau. Era muito mais generoso, por exemplo, do que os outros três juntos. (Trocou a sua bicicleta nova por um gatinho aquando da morte do adorado gato de Jeannie.) E não batia nas outras crianças, nem fazia birras. Mas era de muito poucas palavras. Tinha uns acessos de teimosia inexplicáveis em que franzia o sobrolho e exibia uma carranca, e ninguém conseguia chegar a ele. Parecia uma espécie de birra interior; como se a fúria dele se virasse sobre si mesma e o endurecesse ou o paralisasse. Quando isso acontecia, Red atirava as mãos ao ar e afastava-se qual furacão, mas Abby era incapaz de o deixar estar. Sentia necessidade de o arrancar desse estado. Queria que os seus entes queridos fossem felizes!

Certa vez, na mercearia, Denny estava aborrecido com qualquer coisa e a música «Good Vibrations» começou a tocar nos altifalantes. Tratava-se da canção favorita de Abby, a que ela sempre dissera que queria que tocassem no seu funeral, pelo que começou a dançar ao som da mesma. Inclinou-se, dançou e cantarolou à volta de Denny, como se ele fosse um mastro de festejos, mas o rapaz continuou a descer o corredor das sopas com os olhos fixos em frente e os punhos cerrados enfiados bem fundo nos bolsos do casaco. Tinha feito figura de parva, contara ela a Red quando chegara a casa. (Estava a tentar desvalorizar a situação.) Ele nem sequer tinha olhado para ela! Era como se ela fosse uma maluquinha qualquer! E isto quando ele tinha nove ou dez anos, ainda longe da idade típica em que os rapazes começam a sentir vergonha das mães. Mas pelos vistos ele tinha sentido vergonha de Abby desde muito cedo. Comportava-se como se lhe tivessem atribuído a mãe errada, explicara ela, e esta não fosse suficientemente boa.

Estava a ser palerma, respondera-lhe Red.

E Abby concordara, dizendo que tinha perfeita noção disso. Que não se tinha explicado bem.

Os professores telefonavam frequentemente a Abby:

«Pode vir à escola para conversarmos sobre o Denny? Assim que possível, por favor.»

O assunto era sempre a falta de atenção, a preguiça ou a despreocupação, nunca a falta de capacidade. Aliás, no final do terceiro ano ele saltou automaticamente um ano, com base na teoria de que talvez precisasse de um desafio maior. Mas isso foi provavelmente um erro. Tornou-o uma pessoa ainda mais inadaptada. Os poucos amigos que tinha eram amigos duvidosos; rapazes que não andavam na mesma escola que ele, rapazes que preocupavam a família dele nas poucas ocasiões em que apareciam, falando entredentes, arrastando os pés e desviando o olhar.

Oh, houve momentos prometedores, de tempos a tempos. Ele certa vez ganhou um prêmio num concurso de ciências, por ter concebido uma forma de embalagem capaz de evitar que um ovo se partisse independentemente da distância a que fosse atirado. Mas esse foi o último concurso em que ele se inscreveu. E houve um verão em que começou a tocar trompa, algo que tinha aprendido na escola primária, demonstrando mais perseverança do que a família alguma vez lhe tinha visto. Durante várias semanas uma versão lamuriosa, atribulada e meio confusa do *Concerto n.º 1 para Trompa* de Mozart ecoou horas a fio através da porta fechada do quarto dele, hesitante e rígida, até Red começar a praguejar entredentes; todavia, Abby dera-lhe uma palmadinha na mão e dissera-lhe: «Oh, deixa lá, podia ser pior. Podiam ser os Butthole Surfers», que eram a banda de eleição de Jeannie na altura. «Acho ótimo ele ter arranjado algo para fazer», dissera ela, e sempre que Denny pausava para fazer os compassos da parte da orquestra, ela cantarolava as notas que faltavam. (A família inteira já sabia a peça de cor, uma vez que tocava bem alto na aparelhagem quando Denny não a estava a tocar ele mesmo.) Mas assim que conseguiu tocar o primeiro andamento sem precisar de parar e voltar ao início, desistiu. Disse que a trompa era uma seca. «Seca» parecia ser a sua palavra favorita. O acampamento de futebol também era uma seca e ele desistiu ao fim de três dias. O mesmo em relação ao ténis e com a equipa de natação. «Se calhar devíamos acalmar um pouco», sugerira Red a Abby. «Não nos mostrarmos tão entusiasmados sempre que ele revela interesse por alguma coisa.»

Porém, Abby retorquira:

«Somos os pais dele! É perfeitamente normal os pais ficarem entusiasmados.»

Embora preservasse a sua privacidade de uma forma obsessiva (comportando-se como se escondesse segredos de Estado), o próprio Denny era um coscuvilheiro inveterado. Nada estava a salvo dele. Lia os diários das irmãs e as pastas dos clientes da mãe. Deixava as gavetas das secretárias arrumadas por cima, mas viradas completamente do avesso por baixo.

E depois, quando chegou à adolescência, começou a beber, a fumar, a vadiar, a fumar erva e, quem sabe, pior ainda. Carros batidos estacionavam diante da casa com condutores desconhecidos a buzina-rem e a gritarem: «Então, ó cabrão!» Por duas vezes teve chatices com a Polícia. (Conduzir sem carta; identificação falsa.) O estilo de roupa dele foi muito além do *grunge* típico da adolescência: sobretudo de idosos comprados em feiras de velharias; calças de *tweed* ásperas e muito largas; ténis colados com fita-cola. O cabelo andava sempre sujo, viscoso de tanta gordura, e ele emanava um odor que fazia lembrar um roupeiro com roupa bafienta. Podia ter facilmente passado por ser um sem-abrigo. O que era algo irónico, dissera Abby a Red. Um membro da família Whitshank, uma dessas famílias invejáveis que irradiavam um espírito de clã, de união e que eram simplesmente... excecionais; no entanto, ele arrastava-se atrás deles como se fosse alvo da sua caridade.

Nessa altura os dois rapazes estavam a trabalhar a tempo parcial nas Construções Whitshank. Denny provou ser competente, mas não tinha muito jeito para os clientes. (A uma mulher que lhe disse, num tom atiradiço: «Tenho medo de que deixes de gostar de mim se te disser que mudei de ideias em relação à cor da tinta», ele respondera: «Mas quem é que lhe disse que eu gostava de si?») Stem, em contrapartida, era muito amável com os clientes e era dedicado ao trabalho; ficava até mais tarde, colocava questões, pedia que lhe fossem atribuídos mais projetos. Qualquer coisa que envolva madeiras, pedia ele. Stem adorava trabalhar com madeira.

Denny desenvolveu um tom de voz petulante, arrogante e trocista. «Com certeza, homem», respondia quando Stem lhe pedia as

páginas de desporto do jornal, e «Como queiras, Abigail». Durante os famosos «jantares de órfãos» de Abby, um ajuntamento de inadaptados, solitários e desafortunados, o comportamento cortês de Denny primeiro era visto como encantador e logo depois como ofensivo. «Por favor, eu insisto», dissera ele à Sra. Mallon, «fique antes com a minha cadeira; suportará melhor esse seu peso.» A Sra. Mallon, uma mulher divorciada sofisticada que se orgulhava imenso da sua magreza extrema, lamuriara-se: «Oh! Mas...», ao que ele lhe respondera: «É que a sua cadeira é um pouco frágil de mais», e os pais não podiam fazer nada, não sem chamarem ainda mais a atenção para a situação. Ou no caso de B. J. Autry, uma loura arruivada cuja risada grasnada e desagradável irritava toda a gente: Denny dedicou um domingo de Páscoa inteiro a elogiar-lhe o «risinho gracioso». Embora B. J., ao contrário dos outros, lhe tivesse respondido na mesma moeda. «Vai-te lixar, miúdo», respondera-lhe por fim. Mais tarde Red dera um ralhete a Denny. «Nesta casa», dissera-lhe, «não se insultam os convidados. Deves um pedido de desculpa à B. J.»

Denny respondera-lhe: «Oh, peço desculpa. Não me tinha apercebido de que ela era assim tão sensível.»

«Todas as pessoas são sensíveis, filho, se fizeres troça delas.»

«Ai, sim? Pois olha que eu não», retorquiria Denny.

É claro que puseram a hipótese de o levar a um psicólogo. Ou pelo menos Abby pôs essa hipótese. Sempre o tivera em mente, mas agora começava a insistir mais nesse assunto. Denny recusava-se. Certo dia, andava ele no décimo primeiro ano, ela pediu-lhe ajuda para levar o cão ao veterinário; uma tarefa para duas pessoas. Depois de terem arrastado *Clarence* até ao carro, Denny sentou-se no banco da frente, cruzou os braços sobre o peito e lá foram eles. Atrás deles, *Clarence* choramingava e andava de um lado para o outro, raspando as unhas nos forros de vinil. O choro deu lugar a ganidos à medida que se aproximaram do consultório veterinário. Mas Abby passou pelo edifício sem parar. Os ganidos esmoreceram e tornaram-se mais interrogativos, até que por fim cessaram. Abby continuou até chegar a um edifício em estuque, estacionou diante do mesmo e desligou o motor. Caminhou rapidamente até ao lado do passageiro e abriu a porta a Denny:

«Sai», ordenou-lhe. Denny permaneceu sentado durante uns segundos, mas depois obedeceu, descruzando os braços com tanta vagareza e de forma tão contrariada que foi quase como se tivesse *escorrido* do interior do carro. Subiram os dois degraus que conduziam ao alpendre frontal do edifício e Abby premiu um botão ao lado de uma placa que dizia «Richard Hancock, Médico». «Venho buscar-te daqui a quinze minutos», disse-lhe ela. Denny fitou-a com uma expressão impassível. Quando soou o trinco da porta, ele abriu-a e Abby regressou ao carro.

Red teve alguma dificuldade em acreditar nessa história. «E ele entrou?», perguntou a Abby. «Sem dizer nada?»

«Claro», respondeu alegremente Abby e depois os seus olhos encheram-se de lágrimas. «Oh, Red», disse ela, «imaginas o que ele deve estar a passar, para me ter deixado fazer aquilo?»

Denny consultou semanalmente o Dr. Hancock durante dois ou três meses. «Hankie», chamava-lhe ele. («Não tenho tempo para limpar a cave; hoje é dia da treta do Hankie.») Nunca disse nada sobre o que eles conversavam e o Dr. Hancock também não, como é óbvio, apesar de Abby lhe ter telefonado uma vez para perguntar se achava que valia a pena fazer uma espécie de conferência familiar. O Dr. Hancock respondeu-lhe que não.

Era o ano de 1990, finais de 1990. No início de 1991, Denny fugiu de casa.

A rapariga chamava-se Amy Lin. Era a filha magricelas, de franja nos olhos e indumentária gótica, de dois ortopedistas americanos de ascendência chinesa e estava grávida de seis semanas. Mas nada disso era do conhecimento dos Whitshank. Nunca tinham ouvido falar de Amy Lin. A primeira suspeita surgiu quando o pai dela telefonou a perguntar se eles faziam ideia do paradeiro de Amy.

«De quem?», perguntara Abby. A princípio julgara que ele tinha marcado o número errado.

«A minha filha, Amy Lin. Fugiu com o seu filho. No recado dizia que se iam casar.»

«Iam o quê?», exclamou Abby. «Ele tem dezasseis anos!»

«E a Amy também», respondeu o Dr. Lin. «Fez anos anteontem. Parece estar convencida de que é legal casar-se aos dezasseis anos.»